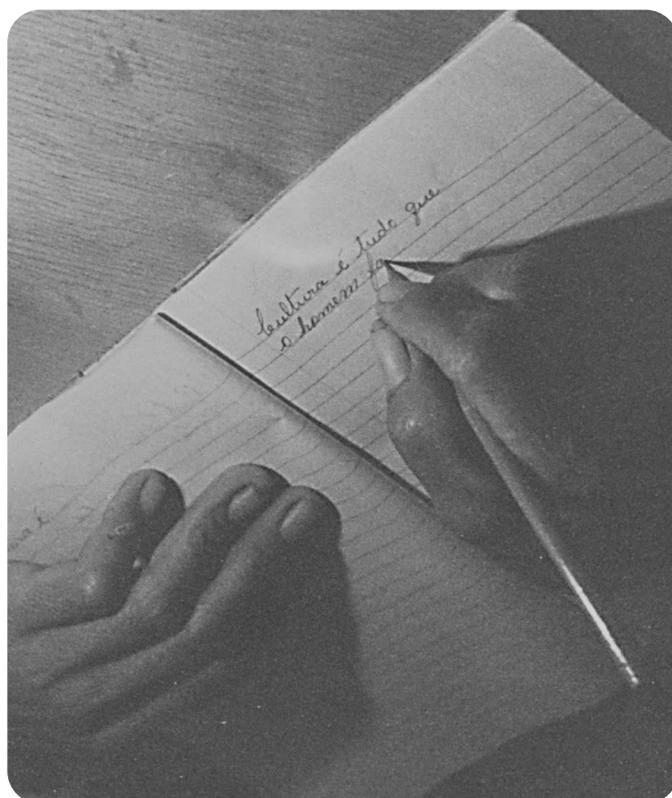


# BENEDITO E JOVELINA: lembranças de quando a *internet* era o rádio de pilha, e a educação popular vinha através de escolas radiofônicas

Carlos Rodrigues Brandão<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo objetiva registrar memórias de um processo de ensino e aprendizagem realizado no estado de Goiás, através do material didático produzido pelo Movimento de Educação de Base – MEB – GO intitulado “Benedito e Jovelina”, produzido pela equipe MEB – GO nos primeiros anos da ditadura militar. Como objetivos específicos, buscou-se refletir sobre o tempo em que o rádio de pilha era a internet e fomentou a alfabetização em nosso país, registrando, assim, a valiosa contribuição das escolas radiofônicas do MEB como pioneiras da prática da educação a distância e apontar o material didático “Benedito e Jovelina” como o Método de Alfabetização Paulo Freire repensado por uma equipe de educadoras. Conclui-se que, nessa experiência, o “diálogo” educador-educando realiza-se, na realidade, como um “triálogo”.

**Palavras-chave:** Movimento de Educação de Base. Escolas radiofônicas. Alfabetização. Material didático.



## 1 Introdução

Talvez pareça a algumas pessoas que venham a ler este breve escrito — na verdade, mais uma “memória do que se fez antigamente” do que uma análise ou uma proposta “do que se deve fazer agora” — que escrever algo sobre o lugar do rádio e da escola radiofônica em

tempos de *internet* e de ensino eletrônico a distância seria como lembrar as virtudes do cavalo em tempos dos supermodernos automóveis, que as propagandas de televisão apregoam todos os dias.

Mas quem conhece “de dentro para fora” boa parte de nossas comunidades rurais (sem falar nas inúmeras comunidades extrativistas dos povos da floresta, indígenas ou não) saberá que, em muitas delas, o cavalo ainda é bem mais presente e útil do que um moderno carro BMW. E saberá que, em uma simples manhã de domingo, a Rádio de Aparecida, e outras emissoras católicas ou com sucessivos programas evangélicos, possuem uma audiência cativa e fiel bastante maior do que a de todos os programas universitários de tele-

1. Licenciado em psicologia e psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965); mestre em antropologia pela Universidade de Brasília (1974). Doutor em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (1980); livre docente em antropologia do simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. É “fellow” do St. Edmunds College da Universidade de Cambridge. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás.

visão somados ao longo de todo o Brasil, durante um mês inteiro.

Em milhares de pequenas cidades e, mais ainda, de nossas comunidades tradicionais, o meio moderno de comunicação cotidiana ainda é o rádio. Não são poucas as casas em que ele é ligado cedo pela primeira pessoa que acorda, e desligado pela última que vai dormir. Na imensa maioria de nossas mais de cinco mil cidades-sede de municípios, o emissor diário de um programa radiofônico é o principal comunicador local e, não raro, regional.

Tem sido costume agora a contagem de seguidores de alguns blogueiros, ou o que o valha. Mesmo quando a conta chegue a um par de milhões, será por certo bastante menor do que o número de fiéis ouvintes diários de um pregador da Rádio de Aparecida, que atinge incontáveis lares em vários estados da Federação. E os atinge, não raro, com um muito maior apelo afetivo e pessoalizado do que logram as emissões das redes sociais. A ancestral sabedoria do rádio é que, falando a milhões de pessoas, o locutor de um programa semelha estar falando diretamente a você, enquanto uma mensagem pessoalizada pela *internet*, mesmo quando dirigida especialmente a você, parece algo dito e repetido para todos. Especialmente nestes tempos em que uma mensagem escrita com três linhas deseja ser uma carta. E uma com três parágrafos pode ser recebida como um longo e irritante exagero de comunicação desnecessária. E, mais ainda, rádio não tem *hacker* e nem vírus.

Sem negar o valor e as perspectivas — para o bem e para o mal — das alternativas “internético-eletrônicas” em termos de educação a distância hoje e em um futuro próximo, queremos, com este breve “escrito de memória”, recordar o que foi, ao longo de anos na década de 60 (antes dos primeiros anos da ditadura militar), uma das mais amplas, fecundas e duradouras experiências de âmbito nacional de alfabetização e de educação popular através de escolas radiofônicas.

Em termos de absoluta atualidade, recordemos que, uma vez mais, um acontecimento traumático como a pandemia da COVID-19 nos colocou frente ao fato de que, em relação a seus efeitos sobre a educação, novamente as conhecidas e crescentes desigualdades sociais, e também culturais, nos deram a ver o que significa em termos de efetivo proveito estudar a distância em Paraisópolis, ou em Perdizes, em

São Paulo. Ou na Comunidade da Rocinha e no Baixo Gávea, no Rio de Janeiro<sup>2</sup>.

Podemos sonhar com tempos em que os bens da eletrônica sejam bem mais meios, agentes e instrumentos de igualdade, inclusão, partilha, liberdade e felicidade do que vemos acontecer agora, em 2020 e durante uma pandemia-sindemia como a da COVID-19.

Ao recordar com extrema simplicidade o que foram as escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base no Brasil dos anos sessenta, queremos colocar também esta questão: sobretudo em termos de populações da floresta ou de comunidades camponesas, quilombolas e outras, não seria a escola radiofônica uma moderna alternativa para programas de alfabetização e de educação de jovens e adultos?

## 2 O Movimento de Educação de Base e as escolas radiofônicas

Sessenta anos após a criação do Movimento de Educação de Base – MEB, como pensar alternativas de educação a distância, em tempos de pandemia virótica e de pandemônio político, sem recordar uma exitosa experiência em que educar a distância foi o grande desafio? E um desafio bastante bem-superado. Durante quatro anos antes da ditadura, e mais quatro depois dela implantada no Brasil, o MEB dedicou-se à alfabetização e à pós-alfabetização de homens e mulheres do mundo rural entre Minas Gerais, todos os estados do Nordeste, os do Centro-Oeste (fora Brasília) e de uma pequena franja de comunidades da Amazônia.

Hoje, quando os velhos rádios de pilha Philips utilizados nas escolas radiofônicas do MEB constituem uma rara peça de museu, e quando os recursos ele-

2. A conhecida revista *Lancet* publicou recentemente um artigo científico que não lemos, mas de que tomamos conhecimento através de um programa informativo da televisão. Um grupo de cientistas de diferentes áreas e de alguns países reuniu-se para propor que a atual pandemia seja considerada como uma “sindemia”. Argumentam que mais do que apenas um acontecimento da área da saúde, com repercussões sobre outras áreas, como a econômica, o que estamos vivendo é um pluriacometimento ao mesmo tempo físico, social e cultural.

Para eles, a COVID-19, em sua ferocidade clínica e em seus diretos (e não indiretos) efeitos sociais, ataca diferenciadamente. Ela possui um diferenciador etário, matando muito mais idosos do que adultos e, sobretudo, jovens e crianças. E, pior ainda, ela afeta desigualmente grupos étnicos de uma mesma nação, assim como diferentes classes sociais de um mesmo país. Morrem muito mais negros e pessoas em condição de pobreza, inclusive nos EUA, do que brancos e pessoas de classe média para cima.

Assim, ao ver deles, esta é uma sindemia que deveria ser tratada não como um problema sanitário que afeta outras esferas da sociedade, mas como um acontecer social, que afeta, ao mesmo tempo, a dimensões sanitária, social, étnica e cultural de uma coletividade. Assim, os efeitos da pandemia da COVID-19 sobre a economia deveriam ser tratados como efeitos sanitários e socioeconômicos de uma sindemia.

trônicos estendem imensamente os espaços sociais alcançados, assim como os meios efetivos de associar som e imagem, e criar uma quase real presença virtual, parece-nos justo trazer à lembrança uma experiência pioneira... a distância.

Recordemos que, na aurora dos anos sessenta, quatro anos antes do golpe de estado e da implantação dos vinte e dois anos de governos militares, Paulo Freire e a sua primeira equipe de educadores do Nordeste começaram a pensar não apenas em um “método de alfabetização”, mas em todo um Sistema Paulo Freire de Educação<sup>3</sup>.

Dessa e de outras, em seguida, foi derivada a ideia de um grande Programa Nacional de Alfabetização, tendo em Cuba o modelo, e no método Paulo Freire o instrumento de trabalho. O golpe militar de abril de 1964 encerrou as possibilidades de realização de tal programa<sup>4</sup>.

Paulo Freire, a família, vários companheiros, entre educadores, pensadores sociais e artistas, foram exilados – e outros presos, torturados e mortos. Aquela não terá sido uma primeira vez em que pessoas devotadas à educação foram denunciadas e passíveis de severas penas pelo exercício simples de alfabetizar; de educar. Quando *Pedagogia do Oprimido* foi publicado como um livro aqui no Brasil, em diferentes lugares e em diversos momentos, o simples possuir em casa ou em uma mochila um exemplar do livro poderia ser considerado uma grave contravenção.

3. Os artigos originais de Aurenice Cardoso, Jomard Muniz de Brito, Jarbas Maciel e Paulo Freire foram inicialmente publicados no número 4 da Revista Estudos Universitários, da então Universidade do Recife. Aurenice Cardoso respondeu pela escrita do artigo em que o método de alfabetização Paulo Freire é apresentado. Mais adiante, os quatro artigos pioneiros foram reunidos em um livro-coletânea organizado por Osmar Fávero: *Cultura Popular e Educação Popular — memória dos anos sessenta*. Em setembro de 1966, Maria Alice, coordenadora do MEB – Goiás e eu (estávamos recém-casados) apresentamos, no Dia Mundial da Alfabetização, o Método de Alfabetização Paulo Freire, no CREFAL, um centro de educação de adultos e trabalhos comunitários da UNESCO, situado em Pátzcuaro, no México. O impacto da apresentação foi tão grande que nos foi oficialmente solicitado colocar no papel a nossa apresentação. O CREFAL publicou uma versão mimeografada ainda em 1966 (logo, anos antes da publicação do *Pedagogia do Oprimido*). Em 1977, foi editado como o número 3 da Coleção Cuadernos del CREFAL, com este título: *El Método Paulo Freire para la Alfabetización de Adultos*. Pode ser facilmente baixado da internet.

4. Como um outro dado de memória, lembramos que não apenas os rádios de pilha do MEB, mas um outro instrumento, agora não sonoro, mas visual, também é hoje uma preciosa peça de museu. Estabelecidos os primeiros esboços da grande Campanha Nacional, Paulo Freire e sua equipe foram incumbidos de iniciar o complexo processo de sua implantação. Dado que o método começava com a projeção de imagens com as fichas de cultura, e como em imensa maioria os espaços sociais da Campanha seriam comunidades rurais e, em muitos casos, locais sem eletricidade, foram pensados projetores de transparências movidos a querosene. Não havia deles no Brasil. Foram detectados nos EUA, mas a um alto custo. E foram encontrados na Polônia, bem mais baratos. Os primeiros foram comprados pelo Governo Brasileiro e chegaram ao Brasil. Antes do começo da Campanha, houve o Golpe Militar de abril de 1964. Todo o material foi apreendido. E então nos lembramos de uma cena, quando Sandra Cavalcanti, em um programa da TV Tupi, denunciava o caráter comunista da Campanha. E, como uma das provas, exibia diante das câmaras um dos projetores, vindos da Polônia, um dos países da Cortina de Ferro.

Tendo sido antes publicado em artigos de uma revista latino-americana de *Iglesia y Sociedad en América Latina*, e tendo alguns ou mesmo todos os seus capítulos sido clandestinamente mimeografados, em reuniões que vivenciamos, às escondidas eles eram lidos e debatidos<sup>5</sup>. Nos dias seguintes ao golpe militar, instituições de educação suspeitas foram obrigadas a destruir grandes quantidades de material supostamente subversivo. Para ficarmos apenas no caso do MEB – Goiás, durante dias e dias, boa parte de todo o material pedagógico existente na sede da equipe central foi levado ao fundo de quintais e devidamente queimado. Uma irrecuperável quantidade deste material eram rolos de fitas de gravador com aulas e outros programas da escola radiofônica. O mesmo acontece em vários outros estados da Federação.

Vigiado de perto por autoridades militares, perseguido e ameaçado, sobretudo em algumas regionais do MEB – Nordeste, em janeiro de 1964, como uma metafórica antecipação do golpe militar, um livro de leituras para a alfabetização por meio das escolas radiofônicas do MEB foi apreendido pela polícia do Rio de Janeiro. E, preso, ele é levado para uma delegacia. Na verdade, além do livro de leituras “*Viver é Lutar*”, a apreensão policial envolveu também três pequenos livretos de acompanhamento das aulas de alfabetização, que constituíam o “*Conjunto Viver é Lutar*”.

Eis como Osmar Fávero narra a Ana Baumworgel os acontecimentos de talvez uma das únicas ocasiões na história humana em que uma cartilha é apreendida pela polícia e levada presa para uma delegacia<sup>6</sup>.

Além disso, uma parte dos exemplares da primeira cartilha impressa, *Viver é Lutar*, que ligava alfabetização e conscientização partindo de situações reais da vida dos camponeses, havia sido apreendida ain-

5. A publicação é um número especial — Suplemento — da revista *Cristianismo y Sociedad*. Esta edição especial, fora de seriação, tem como subtítulo de capa: *Contribución al proceso de concientización en América Latina*. Na nota explicativa, assinada por uma Junta Latinoamericana de *Iglesia y Sociedad en América Latina*, está escrito o que transcrevo em fragmentos. El material que presentamos en las páginas que siguen es de carácter provisorio y complementario. (...) Los lectores advertirán que se trata más que nada de Apuntes y que los autores de los respectivos trabajos, así como las entidades que autorizaron la publicación de los mismos se reservan todos los derechos de su redacción y de su publicación definitiva. (...) Este documento es para uso interno — en términos absolutos — no pudiendo ser reproducido ni siquiera en parte, sin expresa autorización de los autores. 4 (*Cristianismo y Sociedad* — Suplemento, ISAL, 1968).

6. Aqui e ali farei referência ao trabalho: As escolas radiofônicas do MEB, de Ana Baumworgel. Leio uma versão em PDF encontrada com facilidade na internet. Há, ao longo dele, uma precisa apresentação de documentos e momentos relevante de entrevistas com Osmar Fávero, então professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, onde Ana realizou os seus estudos de doutorado.

da na gráfica pela polícia do governador da Guanabara, Carlos Lacerda.

Viver é lutar sintetizava a ideologia do MEB: Eu vivo e luto, Pedro vive e luta. O povo vive e luta. Eu, Pedro e o povo vivemos. Eu, Pedro e o povo lutamos. Lutamos para viver. Viver é lutar (*primeira lição da cartilha*). A *décima oitava lição traz o trecho*: A lei diz que todos devem ir à escola. A lei diz: mas não existem escolas para todos. Xavier e sua mulher decidiram abrir uma escola em sua casa. Com a ajuda de outros abriram uma escola radiofônica<sup>7</sup>.

Eis, por meio de alguns poucos momentos da escrita de um livro de alfabetização dirigido a pessoas do mundo rural, como as do MEB, que derivou inicialmente a sua educação de base de propostas então recentes da UNESCO, e em pouco tempo associou-a à educação popular (termo que, lembramos, era bastante pouco usual na prática) e das primeiras propostas pedagógicas vindas de Paulo Freire — então um educador do Nordeste cujas ideias começavam a ser divulgadas por todo o país. A absoluta diferença entre o teor das lições de *Viver é Lutar*, frente às cartilhas padrão “Eva viu a uva”, é mais do que assertiva e eloquente.

Como uma referência de origens, em boa medida a ideia de alfabetização em distantes zonas rurais foi inspirada em uma experiência antecedente, originada de Sutatenza, na Colômbia. Camilo Torres, o sacerdote católico que se fez guerrilheiro e foi assassinado, chegou a escrever um pequeno trabalho sobre esta iniciativa colombiana pioneira<sup>8</sup>.

Sendo uma instituição vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o Movimento de Educação de Base foi vigiado de perto pelas autoridades militares a partir de abril de 1964. Algumas sedes regionais, sobretudo no Nordeste, foram invadidas e algumas educadoras levadas para interrogatórios. Como de costume acontece, a repressão, envolvendo prisões e até mesmo sessões de tortura, recaiu sobre os camponeses monitores.

Em entrevista à autora, Osmar Fávero afirmou que houve pouquíssimas prisões de profissionais do MEB. No entanto, muitos monitores, líderes rurais e diretores de sindicatos foram presos depois de 1964.

O ex-coordenador do MEB lembrou a prisão, depois do golpe, da professora e locutora Maria José, ao iniciar a aula, na Rádio Educadora de Sergipe<sup>9</sup>.

Poucos anos mais tarde, uma maioria de bispos conservadores que assumiu o Conselho Episcopal do MEB destituiu de uma só vez toda a remanescente equipe do MEB Nacional, então coordenada por Vera Jaccoud e Osmar Fávero.

Antes disto, houve tempo de criação de um novo livro de leituras para alfabetização através de escolas radiofônicas. Seu nome era *Mutirão* e, encomendado a cordelistas do Nordeste, ele era todo escrito em literatura de cordel. Em tempos de pandemia, é oportuno lembrar que junto com ele saiu também um livro de educação e saúde, com este nome: “*Mutirão da Saúde*”. Um jovem desenhista recém-chegado de Minas Gerais respondeu gratuitamente pela ilustração dos dois livros de leitura. Ziraldo era o seu nome.

A inovadora versatilidade do Movimento de Educação de Base, teoricamente sempre muito próximo a Paulo Freire, poderá ser avaliada pela diversidade de profissionais que constituíam a equipe nacional do MEB, no Rio de Janeiro. Ela envolvia duas pedagogas, uma psicóloga, um filósofo, um antropólogo, um sociólogo, um cientista político, uma assistente social, um matemático (Osmar Fávero) e uma farmacêutica (Vera Jaccoud). Em dezembro de 1963, ingressou no Setor de Animação Popular um jovem estudante de psicologia e militante da Juventude Universitária Católica. Ele é uma das pessoas que assinam este artigo.

Eis um movimento de educação de adultos através de escolas radiofônicas que, décadas antes da difusão de palavras como “transdisciplinar”, “transcultural”, “multiculturalismo”, aplicava em suas aulas pelo rádio o que depois, ao menos em teoria, essas palavras aqui e ali tentam traduzir.

Os programas radiofônicos do MEB alfabetizaram milhares de mulheres e de homens do mundo rural. E o lograram fazendo interagirem: a alfabetização, a educação conscientizadora (palavra central em Paulo Freire e entre nós), a arte, a saúde, a vida comunitária e a formação para ações culturais de teor político<sup>10</sup>.

9. As escolas radiofônicas do MEB, página 3.

10. Há pelos menos cerca de oito teses sobre o MEB. Duas delas escritas por integrantes da equipe nacional: Osmar Fávero e Luiz Eduardo Wanderley. José Peixoto Filho escreveu uma sobre o MEB – Goiás. E mais outras sobre equipes e ações do MEB no Nordeste. Um trabalho recente deve ser lido com a atenção devida. Trata-se de *As escolas radiofônicas do MEB*, escrito por Ana Baumworcel, jornalista, professora da Universidade Federal Fluminense, e doutora em educação pela mesma universidade. O documento é facilmente encontrado na internet. Ao final relacionamos alguns trabalhos na bibliografia.

7. As escolas radiofônicas do MEB, páginas 3 e 4. Grifos meus.

8. Camilo Torres, *Las escuelas radiofônicas de Sutatenza-Colômbia*.

O MEB esteve presente, entre 1961 e 1966, em quinhentos municípios de catorze estados e no território de Rondônia. Em 1963, mantinha em funcionamento 7.353 escolas radiofônicas sintonizadas nas 29 emissoras católicas que tinham audiência de oito milhões de pessoas e que irradiavam as aulas no início da noite. Nos cinco primeiros anos, alfabetizou diretamente, com auxílio dos monitores, 320 mil alunos matriculados na área rural. Tinha uma equipe de 500 pessoas e um Secretariado Nacional com 50 (Documentos do MEB *apud* FÁVERO, 2006, p. 6). Em 1968, recebeu um prêmio da UNESCO (...). O MEB também estimulou a sindicalização rural<sup>11</sup>.

### **3 Benedito e Jovelina – o Método de Alfabetização Paulo Freire repensado por uma equipe de educadoras**

Pedagogicamente, a palavra-chave em todo o acontecer do Método de Alfabetização Paulo Freire é “diálogo”. Ela estará presente em todos os seus escritos, e também em suas falas, entre aulas, palestras, entrevistas e mesas de bar. No entanto, nordestinamente, podemos pensar que em suas origens os trabalhos de alfabetização começavam com duas boas conversas. Isso mesmo. Com um convite a uma prosa livre e tão costumeira entre as pessoas do mundo camponês, ao qual em maioria ele se dirigia.

Primeiro, uma conversa de pesquisa (mas que não tinha este nome), quando os futuros alfabetizandos eram incentivados a sair pela sua comunidade para simplesmente conversar com as pessoas que habitavam as suas vidas e os seus dias. Uma conversa ao mesmo tempo livre e motivada, pois eles eram incentivados pelo alfabetizador a guardar na memória as palavras mais frequentes, e que lhes pareciam mais familiares e relevantes. “Trabalho”, “lavoura”, “tijolo”, “tarefa” (como medida nordestina e trabalho agrário) eram bons exemplos. Elas viriam a ser as palavras geradoras dos futuros momentos da alfabetização.

E, antes mesmo do início propriamente formal da alfabetização, para tornar pedagógica a proposta freiriana de pensar a educação como cultura e a cultura como política, ao redor de um círculo de cultura, as mulheres e os homens de uma turma de alfabetizandos eram colocados diante de uma sequência de fichas de cultura, desenhadas em cartazes ou projeta-

das. Elas são bastante conhecidas e, para quem desejar conhecer mais a fundo o seu acontecer, recomendamos a leitura de O Ovo de Colombo – as fichas de cultura no Método Paulo Freire, um artigo de Osmar Fávero<sup>12</sup>.

Durante alguns anos após o golpe militar, o Movimento de Educação de Base de Goiás logrou sobreviver e algumas educadoras resolveram recriar o “Método Paulo Freire” para aulas através de escolas radiofônicas. O MEB alfabetizava através de um exitoso programa de alfabetização e pós-alfabetização com aulas emitidas por uma equipe central, em Goiânia. As aulas eram recebidas por um “rádio cativo” em pequeninas escolas de roça. Eram dirigidas a um monitor, homem ou mulher alfabetizados e treinados para trabalhar diretamente com as/os alfabetizandos. Os treinamentos de monitores constituíam uma das atividades mais essenciais e pedagogicamente preparadas no MEB, pois eram eles, em suas comunidades, os verdadeiros educadores do MEB.

Em sua forma original, o Método Paulo Freire trabalhava com 13 fichas de cultura, que incentivavam os alfabetizandos a se descobrirem como sujeitos e agentes da sua cultura e, também, a pensar, individual e coletivamente, de forma crescente, crítica e consciente a sua situação social. Nos primeiros escritos de Paulo Freire e nos do MEB, as palavras “consciência” (um conhecimento que se volta criticamente ao próprio sujeito conhecedor), “conscientizador” e “conscientização” serão centrais e fundadoras.

Na forma original, dedutivamente, as fichas de cultura vinham do mais geral, como a ideia de cultura, até o mais concreto: a imagem de um círculo de cultura, bastante semelhante ao que o aluno deveria estar dialogando ao vivo diante da imagem.

A equipe do MEB – Goiás em alguma medida inverteu a lógica do método. Ao invés de partir dos mais abstrato em direção ao mais concreto (um

11. As escolas radiofônicas do MEB, página 3.

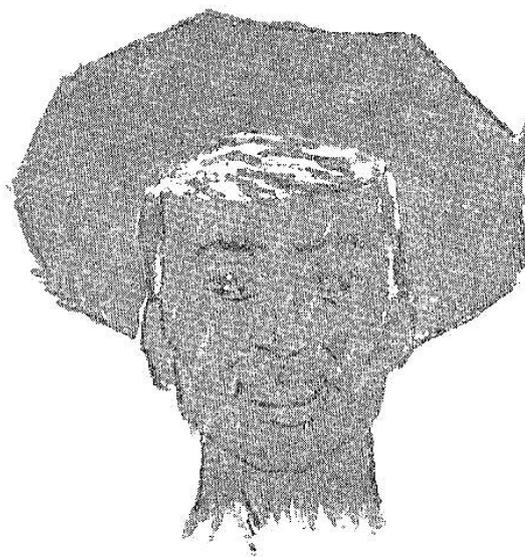
12. As fichas de cultura do Sistema de Alfabetização Paulo Freire: um “Ovo de Colombo”. Neste artigo, Osmar Fávero reinterpreta os fundamentos teóricos relativos à cultura e à cultura popular que constituíram a base teórica e prática do que veio a ser a educação popular. Ele aprofunda o conceito antropológico de cultura, assumido por Paulo Freire em seu Sistema de Alfabetização de Adultos. Um conceito também central na pedagogia do Movimento de Educação de Base. A seguir, o autor destaca o caráter francamente inovador das fichas de cultura, com que era iniciado o processo de alfabetização. Por uma primeira vez são apresentadas as fichas de cultura originais, elaboradas pelo artista plástico Francisco Brennand, para o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação. O artigo foi publicado em: Linhas Críticas, Brasília, v. 18, n.37, set./dez. 2012. entre as páginas 465–483.

padrão culturalmente mais masculino, dedutivo e filosófico de se pensar), a apresentação das imagens começava por figuras de um casal de camponeses: BENEDITO e JOVELINA. Eram apresentados os seus rostos. Eram duas pessoas muito semelhantes à maioria dos alfabetizandos em suas comunidades rurais. Seus dois nomes eram bem populares em Goiás. E ótimos para serem desdobrados como palavras geradoras.

Assim, o “Método Paulo Freire de Goiás” partia de uma situação cotidiana e concreta da vida de um casal de camponeses e, indutivamente, passo a passo chegava ao mais abstrato: a ideia de cultura e do ser humano como criador de cultura. Teriam as educadoras do MEB – Goiás feito com os educadores (com uma única mulher, Aurenice Cardoso) o mesmo que Marx teria feito com Hegel?<sup>13</sup>.

Sabemos que o próprio Paulo Freire considerava o seu método uma proposta original aberta a modificações que o adaptassem a cada cenário em que seria trabalhado. Desde as experiências pioneiras no Nordeste e, depois, em São Paulo, ele convidava educadores-alfabetizadores a tomarem a sua proposta como um instrumento pedagógico de alfabetização a ser recriado para uso em diferentes contextos. Apenas propostas fundamentais, como a circularidade dos espaços e das relações entre as pessoas; a vocação do diálogo ao longo de todo o processo; o caráter formativo em termos de uma aprendizagem conscientizadora e transformadora. Uma das frases mais repetidas por Paulo Freire era que a sua proposta de educação desde a alfabetização deveria desaguar em um aprendizado de “ler as palavras e ler o mundo”.

Eis uma síntese muito simplificada do processamento de Benedito e Jovelina. A primeira imagem projetada era a do rosto de um camponês, e a primeira palavra a ser trabalhada era: “Benedito”, que, no primeiro cartaz — pintado em uma cartolina e não projetado — aparecia assim:



Benedito

Frente a um rosto que poderia ser o de qualquer um, como logo após acontecerá com o de JOVELINA, quando o animador percebia que era hora de pronunciar a palavra escrita, apontando-a, ele chamava a atenção para ela. Ele apontava o todo da palavra, e depois percorria com os dedos o traçado do fio dela, e poderia falar alguma coisa assim:

Tão vendo, pessoal? Olha, esse homem que a gente tava falando sobre ele e a vida dele; o nome dele tá escrito aqui embaixo. Assim, ó: Benedito (lê devagar, acompanhando a palavra com os dedos ao longo da palavra, sem separar artificialmente as suas sílabas). Olha gente: Benedito, Benedito. Outra vez: Benedito. Agora, vamos ver se vocês repetem comigo. Vamos lá: Benedito, Benedito, Benedito. Isso gente. A senhora, Dona Maria: Benedito, Benedito. João, você aí atrás: Benedito. Vocês estão vendo? Benedito.

A mão do monitor passeava pelo nome escrito cada vez que ela era pronunciada. Não se tratava de memorizar, ou de decorar o nome. O que valia era ver o nome da palavra que se dizia alto, e que em voz alta se repetia.

Ora agindo por conta própria, porque foi devidamente “treinado” para isto, ou seguindo as instruções que lhe chegavam pela voz de uma professora da equipe central, pelo rádio, no meio do exercício de falar e repetir, vendo, mostrando, apontando, o animador, ou monitor, poderiam colocar sobre a palavra geradora do cartaz uma mesma palavra, como no nome e

13. Existe até hoje uma nunca desmentida e nem comprovada suspeita de que, em alguma medida, a silenciosa presença de Elza Freire, a esposa de Paulo Freire, e com bem mais experiência do “chão da escola” do que ele, na elaboração de seu método teria sido marcadamente relevante. Nada melhor neste caso do que a consulta ao livro sobre Elza Freire, escrito por Nima Spingolon, da Faculdade de Educação da UNICAMP: *Pedagogia da Convivência: Elza Freire: uma Vida que faz Educação*.

no desenho das letras, mas escrita em uma pequena ficha, assim:

## Benedito

Um pouco adiante, depois de haver repetido de novo a leitura de ver, com todos e com alguns, ele puxava por cima o cartaz da figura, de modo que, da figura com a palavra, ficasse a palavra sem a figura.

Ele repetia então o “letrume”, do mesmo modo que antes. “Letrume” era como, nos primeiros círculos de cultura, as pessoas da roça chamavam as letras das palavras, as palavras e os seus “pedaços”. Mais algumas repetições de ver e ler podiam ser feitas.

A seguir, o monitor colocava diante do círculo um outro cartaz com o nome **BENEDITO** desdobrado em seus fonemas — pedaços:

### Be-ne-di-to

be bi ba bu bo  
ne ni na nu no  
de di da du do  
te ti ta tu to

E uma seqüência da aula poderia ser esta:

Olha aí, gente. Uma casa não tem as suas partes: quarto, cozinha, sala, varanda? Tudo no mundo não tem os seus pedaços? Pois uma palavra também. Tão vendo? Benedito tem esses pedaços aí, assim: **Be - ne - di - to, Be - ne - di - to, Be - ne - di - to.**

Atento ao que recebia da professora pelo rádio, o monitor lia a palavra e a repetia. Ele acompanhava com as mãos as sílabas, os fonemas, na medida em que os pronunciava. Repetia e de novo repetia. A seguir, ele mostrava no todo o que era o desdobramento do conjunto de cada fonema, escrito logo abaixo.

Presta atenção agora, pessoal! Que que a gente tem aqui, ó, aqui assim? Cada pedaço do nome do Benedito tem a sua família. Aqui tá escrito o **Be** do Benedito, aqui o **ne**, o **di**, o **to**. Agora, desse jeito assim tá a família do Be completinha: **be, bi, ba, bu, bo**. De novo,

olha gente: **be, bi, ba, bu, bo**. Vamos lá, todo mundo: **be, bi, ba, bo, bu**.

E ele começava a incentivar as/os alfabetizandas/os. Dona Clemência, e você, Joca Ramiro, vocês agora, acham que já dá pra ler? **be, bi, ba, bo, bu**. Agora aqui tem a família do ne: ne, ni, na, nu, no. Quem é que lê comigo? Benedito, você que tem o mesmo nome, vamos lá: **ne, ni, na, nu, no**.

Todos viam, alguns liam e repetiam com o monitor, sozinhos ou em coro. A mão acompanhava então os pedaços, saltando de um para o outro. Se no meio dos comentários sobre o exercício — que deveria ser deixado tão livre quanto possível — surgia a visão espontânea e a ideia das vogais, o animador podia chamar a atenção sobre elas. Elas são “a parte que muda em cada família”: **Be, ne, di, to, Be, bi, ba, bu, bo**. Poderia até escrever no quadro ou apresentar um cartaz com elas, e repeti-las com os educandos.

Mais adiante chegava o momento mais criativo do trabalho. Ele colocava diante de todos a ficha de descoberta:

ba be bi bo bu  
na ne ni no nu  
da de di do du  
ta te ti to tu

Esta ficha, também desenhada em uma cartolina bem visível, reintroduzia um outro momento importante de criação e de aprendizagem. A partir dela, o grupo parava de repetir o que via e começava a criar com o que repetiu, vendo.

Havia, portanto, muito mais trabalho sobre este cartaz do que sobre todos os outros juntos. Depois de mostrar e repetir um pouco ainda as famílias da palavra **BE NE DI TO**, o animador lembrava o grupo que, assim como de Benedito foi possível separar os pedaços e compor a família, juntando de novo os pedaços, era possível formar **Benedito**, ou outras palavras, conforme se criavam novos arranjos.

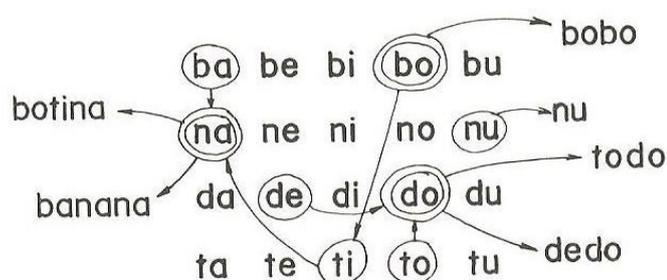
Primeiro ele lia os fonemas em todas as direções possíveis: a) na horizontal – **ba, be, bi, bo, bu**; b) na vertical – **ba, na, da, ta**; c) em diagonais livres – **ba, ne, di, to; bu, no, di, te**; d) salteadas, ao acaso – **be, to, di, na, du**.

Se algum alfabetizando demonstrasse vontade de fazer o mesmo, nada melhor. Ele poderia repetir o que via, de seu lugar. Poderia vir até o cartaz e mostrar, apontando. Outros poderiam fazer o mesmo. O grupo deveria ser dono de seu tempo e de seu trabalho.

A passagem de uma maneira de ler para outra deveria ser realizada quando o monitor sentisse que cada ordem de fonemas estava bem reconhecida. A mão não acompanharia, como antes, o que a leitura falasse desde a ficha de descoberta. Quando sentisse que o trabalho estava maduro, o animador poderia então dizer:

Olha, gente, do mesmo jeitinho como se pode pegar uma palavra como o nome: Benedito e separar as partes dele: **Be, ne, di, to** e de cada uma fazer cada família: **ba, be, bi, bo, bu**, do mesmo jeitinho a gente pode reunir de novo os pedaços e formar a palavra do nome de **Benedito**, assim: **Be ne di to** (ele reúne os pedaços apontando cada um com a mão): Benedito. E a gente pode formar outras, não pode? Do jeito como juntar de novo os pedaços. Quem é que quer tentar, gente?

Se alguém no círculo se animasse a criar qualquer palavra, isso deveria ser incentivado. No entanto, o animador não deveria insistir com o grupo e, menos ainda, com alguma pessoa. Caso sentisse que ainda não dava — e isso acontecia apenas nas primeiras palavras — ele mesmo poderia criar; poderia formar novas palavras simples, acompanhando a fala com o gesto de apontar em movimento cada pedaço e todos os que formam a palavra.



Ninguém se arrisca a vir formar uma palavra? Tá bom! No começo pode ser meio difícil mesmo. Então eu começo, vejam comigo: **ba, na, na — banana**. De novo, assim: **ba, na, na — banana**.

Agora, vejam: **de, do — dedo**. Tão vendo? **de, do — dedo** (e o dedo aponta o dedo que a fala pronuncia).

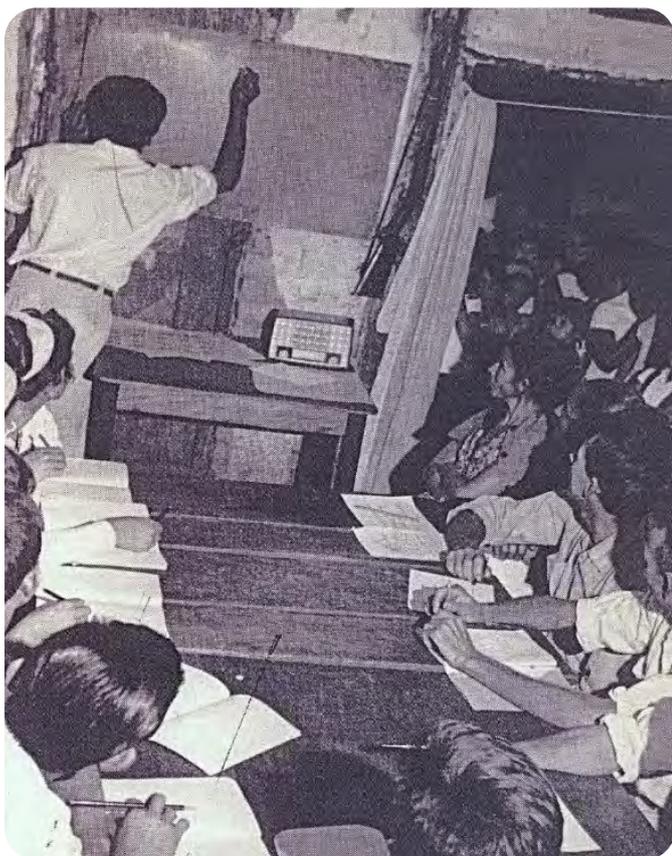
Agora, aqui: **bo, ti, na — botina**. Tem vez que um pedaço já é palavra. Por exemplo: **nu!**

O coordenador do círculo deveria construir apenas algumas poucas palavras. Deveria mostrar, sem ensinar como, uma lógica; um processo de reconstrução de palavras. Se, no meio de seu trabalho, alguém quisesse formar uma palavra, tudo bem. Que o fizesse. E o trabalho ganhava um novo ritmo e uma nova dimensão quando as pessoas do círculo se animavam a ir até a frente e formar uma palavra.

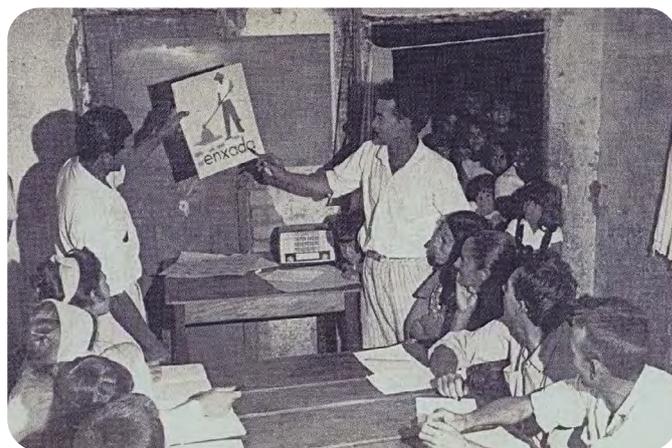
Sem impor e nem apressar, ele deveria incentivar o grupo do círculo de cultura a criar outras palavras; ou recriar as mesmas que ele acabara de formar. As pessoas poderiam ser convidadas a fazer como ele; a irem à frente tentar formar alguma palavra. Alguns chegariam perto, apontariam pedaços, formariam palavras: palavras de pensamento, como **botá**; palavras mortas, como **benu** (se é que em algum canto ela não existe). De início, todas servem, desde que sejam feitas, criadas, inventadas. Só mais tarde é que ele deveria mostrar a diferença entre as que existem entre nós, e as que foram inventadas. Sem esquecer que João Guimarães Rosa inventou quase um novo vocabulário brasileiro de palavras.

Paulo Freire gostava de lembrar que um dia, diante da ficha de descoberta **TIJOLO**, um alfabetizando de Brasília construiu de maneira inesperada e surpreendente a frase: **tu já lê** (tu já lê).

Durante todo o restante do tempo de uma aula pelo rádio, todas as pessoas poderiam formar palavras. O monitor deveria escrevê-las no quadro, ou em um outro cartaz em branco, se não houvesse um quadro-negro. Caso tivesse havido muito trabalho de criação de palavras, ele poderia interromper o processo quando sentisse que “o trem começou a cansar” (como se diz mais em Minas Gerais do que em Goiás). Poderia mostrar todas as palavras criadas e escritas por ele; e deveria chamar a atenção de todos, lembrando que aquele havia sido mais um trabalho do grupo.



Uma das poucas fotos de aulas de alfabetização em comunidades rurais de Goiás “salvas das fogueiras” em que milhares de documentos foram destruídos durante os governos militares. A precária lousa e, na mesa, os radinhos de pilha Philips, por onde as aulas chegavam ao monitor e às/aos alfabetizandas/os por meio da equipe central, em Goiânia.



Um outro momento na mesma escola radiofônica. Um dos alfabetizandos anima-se a ir à frente, e tenta formar com os fonemas uma palavra. Em pequenas comunidades rurais dos sertões goianos, as aulas do MEB constituíam algumas vezes um acontecimento cultural relevante. Observava-se a quantidade de outras pessoas, inclusive crianças, no corredor da pequena casa onde funcionava a escola, procurando ver um pouquinho do que estava acontecendo.

Assim também, programas radiofônicos como os “Encontros com a Comunidade”, mesmo entre não alfabetizandos, eram muito ouvidos por várias outras pessoas das comunidades rurais.

Para quem cresceu no cabo da enxada, o trabalho de escrever com o lápis pode ser muito pesado e difícil. Por isso, poderia haver situações em que o monitor fosse treinado para desenvolver com algumas pessoas exercícios de coordenação motora.

Na segunda reunião, o trabalho do círculo poderia começar como convite para que os alfabetizandos lessem em voz alta as palavras que formaram em casa. Quem quisesse poderia ir à frente e formaria no “cartaz da descoberta” as suas palavras. Quem quisesse, que as escrevesse para todos.

Outros poderiam dizer as suas palavras, simplesmente. O animador poderia ir escrevendo uma a uma, na medida em que iam sendo pronunciadas.

Esgotado o trabalho sobre uma palavra geradora, o animador poderia sugerir que se trabalhasse sobre uma segunda. Ele procederia da mesma maneira e, de uma para a outra, certamente contaria com uma participação mais intensa e mais criativa dos educandos. De novo, o grupo debateria o que a palavra geradora sugeriu. No caso de Goiás, a segunda palavra geradora foi JOVELINA, que além de ser muito rica para a formação de outras palavras, sugeriu uma outra pessoa, e quase sempre a associação a um casal de gente da roça: Benedito e Jovelina.

Caso alguém quisesse, poderia ir ao quadro para escrever uma ou mais palavras. Se a turma sentisse vontade, o que restasse do tempo de uma aula poderia ser aproveitado para que cada um escrevesse ou desenhasse as palavras que quisesse, a partir do seu lugar no círculo.

Os educandos deveriam ser incentivados a escrever em casa todas as palavras que fossem capazes de formar, fossem elas iguais ou não às que foram formadas na reunião, na aula. Na experiência do MEB – Goiás, os educandos recebiam para cada palavra uma pequena folha, que reproduzia em parte o trabalho feito, e sugeria novos exercícios.

Com o tempo eles iam montando o seu próprio material de estudo: as folhas-fichas recebidas, as folhas em que escreveram as suas palavras, ou os seus desenhos; mais tarde, suas anotações e assim por diante.

No trabalho de formação de palavras, de uma para a outra, fonemas das anteriores poderiam ser convocados para se somarem aos de uma nova palavra. Em certos momentos, duas palavras poderiam aparecer lado a lado em seus cartazes de descoberta, o que, por certo, multiplicaria o poder de criação do grupo.

As palavras mais difíceis poderiam ser apresentadas mais tarde. Em Goiás, as primeiras palavras foram: Benedito, Jovelina, mata, fogo, sapato, casa. Todas são palavras simples, com os fonemas em ordem direta — consoante + vogal — e sem dificuldades maiores de construção.

Depois vinham: **enxada**, **chuva** (x e ch), **roçado** (o terrível ç), **bicicleta**, **trabalho** (tr e lh), **bezerro** (z, s, ss, ç), **safrá** (fr), **máquina** (qui, que), **armazém**, **assinatura**, **produção**, **farinha** (nh), **estrada**.

As dificuldades iam sendo apresentadas e dialogicamente discutidas. Sobre elas, o monitor deveria trabalhar mais tempo, deixando, no entanto, que as dificuldades maiores aparecessem quando o grupo estivesse pronto para enfrentá-las por sua conta.

Exemplo, para a palavra geradora **CASA**, a ficha de descoberta foi escrita assim:

ca	—	—	co	cu
sa	se	si	so	su

E a questão do ce, ci, que, qui foi empurrada para frente, quando o grupo teve de encarar a palavra “máquina”.

Entre palavras geradoras, frases completas poderiam ser escritas com poucos fonemas. É para este exercício, que torna motivante e criativo o trabalho coletivo de construção, no ato de aprender a ler, que o animador deverá caminhar, quando sentir que há material bastante para fazê-lo com todos.

Apenas com os fonemas de **Benedito** e de **Jovelina** dá para formar:

Benedito vive.

Jovelina vive.

Benedito lida o dia todo.

Jovelina ajuda Benedito  
na labuta.

Um pouco mais à frente dará para formar, entre outras:

O sapato de Jovelina acabou.

Ela lida na casa de sapé.

Benedito capina.

Ele usa a enxada na capina.

No fim das palavras — mas não do trabalho alfabetizador e educador — os alunos estarão formando não só frases curtas, ou pequenas falas escritas, mas períodos: ideias completas.

As folhas que recebem de tempos em tempos sugerem algumas e eles são incentivados todo o tempo a fazer os seus próprios escritos: bilhetes aos companheiros, pequenas “redações”, notícias de fatos do lugar, jornal do grupo.

Com os fonemas das palavras geradoras do “Paulo Freire de Goiás”, deu para escrever:

O TRABALHO

Benedito vende sua  
produção na feira.

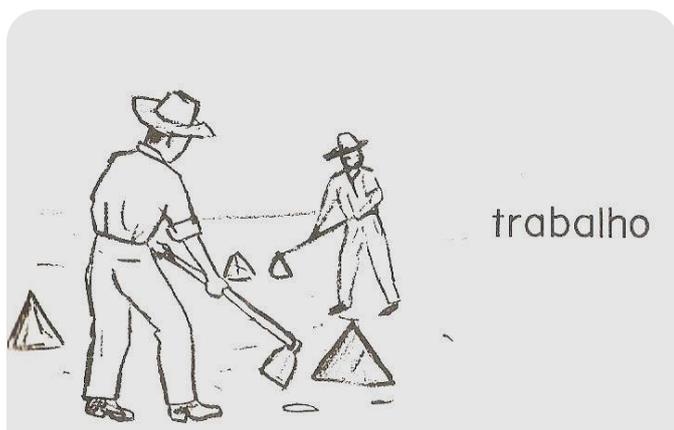
A produção é o resultado de  
um ano de trabalho.

Trabalho do Benedito e de  
toda sua família.

Nesse trabalho, Benedito  
deixou seu suor, seu esforço.

## Esse trabalho é quase um pedaço dele mesmo.

Transcrevemos abaixo uma das folhas mimeografadas em tempos já da ditadura militar, quando o MEB – Goiás conseguiu ainda realizar algum trabalho de alfabetização através das escolas radiofônicas e do Benedito e Jovelina.



trabalho

tra tre tri tro tru  
ba be bi bo bu  
lha lhe lhi lho lhu

1 2  
lha ga te tri do trabalho

trapa  
colheita

### 4 Conclusão

Nem sempre um fato e um fator essencial são lembrados quando se trata de educação a distância e, mais ainda, de escolas radiofônicas de alfabetização. Nelas, o diálogo educador-educando, sempre proposto e insistido por Paulo Freire à exaustão, realiza-se, na realidade, como um “triálogo”.

Um “triálogo” porque, ao invés de estarem face a face uma educadora e um ou alguns educandos, estão

envolvidos em um mesmo momento de vivência da educação três categorias de pessoas: a professora que se dirige ao monitor de alfabetização e, aqui e ali, também à turma de alfabetizandos. Uma monitora ou um monitor, considerado no MEB o mais real e vivencial professor, no acontecer da aula pelo rádio, e o grupo ou a equipe de alfabetizandos, incentivados o tempo todo a criar com o monitor e com o professor da equipe central um diálogo a várias vozes.

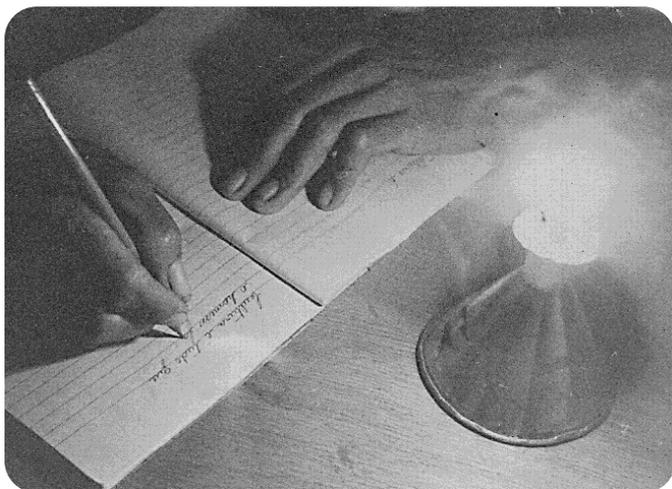
Afinal, se é conversando que a gente se entende, é trialogando que se entende, a gente se ensina e aprende<sup>14</sup>.

Já sob o controle direto dos governos militares, o MEB – Goiás ampliou um projeto de contato direto entre educadoras da equipe central e algumas comunidades rurais onde funcionavam escolas radiofônicas. Eis como Osmar Fávero descreve esta extensão da proposta original, centrada apenas nas emissões radiofônicas.

Nesse momento o rádio deixou de ser o principal elo e a atuação do monitor ganhou mais importância na ligação entre a escola e a coordenação do sistema. Integrante da comunidade e sem remuneração, o monitor inicialmente era “nomeado”, mas depois escolhido pelos próprios camponeses. A forma como liderava as discussões sobre os temas da aula radiofônica poderia vir a contribuir para que as visões das bases exercessem influência nos diversos níveis de direção do sistema educativo. Experiência matriz da animação popular, Goiás passou a fazer o planejamento da programação radiofônica com os líderes rurais, com os próprios monitores. Era um movimento de mão-dupla, os monitores organizavam os diálogos com os alunos nas escolas radiofônicas do interior, gravavam, pois nessa época o MEB e o CPC de Goiás trabalhavam juntos, e depois reproduziam estes diálogos no estúdio quando iam visitar a emissora católica na capital<sup>15</sup>.

14. A equipe do MEB – Goiás mantinha uma estreita e intensa correspondência com monitores e alfabetizandas/os. Não eram poucas as cartas escritas a mão por pessoas que viviam através delas a felicidade de “agora eu já sei ler e escrever”. E não eram poucas as mulheres, bem mais do que os homens, dos sertões de Goiás, que dirigiam as suas cartas a uma “Querida Equipe Central”, como se de uma pessoa se tratasse. Pois, com frequência, era assim que uma das integrantes da equipe de educadoras do MEB se dirigia genericamente às pessoas, pelo rádio: “aqui está falando com vocês a Equipe Central do MEB”.

15. As escolas radiofônicas do MEB, página 10.



## REFERÊNCIAS

BAUMWORCEL, Ana. **As escolas radiofônicas do MEB**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/As%20escolas%20radiofonicas%20do%20MEB.pdf>>. Acesso em: 29 mar 2021.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e educação popular; um estudo sobre a educação de adulto**. Editora Pioneira, São Paulo, 1964.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **El Método Paulo Freire para la Alfabetización de Adultos**. Coleção "Cuadernos del CREFAL, CREFAL, Pátzcuaro, 1977.

COSTA, Beatriz Bebiano, COSTA, Maria Aída Bezerra, JACCOUD, Vera. **MEB: uma história de muitos**. Cadernos de Educação Popular 10, NOVA / VOZES, Petrópolis, 1986.

FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular; análise da prática pedagógica do MEB – Movimento de Educação de Base, 1961-1966**. Autores Associados, Campinas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cultura Popular e Educação Popular – memória dos anos sessenta**. Edições GRAAL, Rio de Janeiro, 1983.

\_\_\_\_\_. **MEB – MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE – primeiros tempos: 1961-1966**. Texto apresentado no V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado em Évora, Portugal, de 5 a 8 de abril de 2004.

\_\_\_\_\_. **O Ovo de Colombo – as fichas de cultura no Método Paulo Freire**. Linhas Críticas, Brasília, v. 18, n.37, set./dez., páginas 465-483, 2012.

FREIRE, Paulo. **Contribución al proceso de concientización en América Latina – diversos artigos**. Cristianismo y Sociedad – suplemento, ISAL, Montevideo, 1968.

KADT, Emanuel. **Católicos radicais no Brasil**. Editora da UFPa e INESP, João Pessoa, 2002.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE. **Conclusões do Encontro Nacional de Coordenadores – 1.º: 5 a 15 dez. – Recife**, mimeografado, Rio de Janeiro, 1964.

\_\_\_\_\_. **Fundamentação: textos para fundamentação filosófica dos livros de leitura Saber para viver e Viver é lutar**. MEB, Rio de Janeiro, mimeo, 1965.

\_\_\_\_\_. **MEB em cinco anos – 1961/1966**. MEB, Rio de Janeiro, 2005.

PEIXOTO FILHO, José Pereira. **A travessia do popular na contradança da educação**. Editora da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.

RAPOSO, Maria da Conceição Brenha. **Movimento de Educação de Base: discurso e prática (1961-1967)**. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1997.

SPINGOLON, Nima Imaculada. **Pedagogia da Convivência: Elza Freire: uma Vida que faz Educação**. Paco Editorial, Campinas, 2016.

TORRES, Camilo. **Las escuelas radiofónicas de Suta-tenza-Colômbia**. CIS, Bogotá, 1961.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educar para transformar. Educação popular, Igreja católica e política no Movimento de Educação de Base**. Editora VOZES, Petrópolis, 1984.

VALDEZ, Diane, Machado, Maria Margarida et all. (orgs). **A história guardada no Centro Memória Viva – educação de jovens e adultos, educação popular e movimentos sociais**. Cãnone Editorial, Goiânia, 2015.